



**INSTITUTO FEDERAL  
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
Bahia**

Campus  
Valença

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA  
CAMPUS VALENÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO**

**EVERSON DA CONCEIÇÃO SANTOS**

**SUICÍDIO E REDES SOCIAIS: ESPETACULARIZAÇÃO DA MORTE OU DA  
VIDA?**

Valença  
2025

EVERSON DA CONCEIÇÃO SANTOS

## **SUICÍDIO E REDES SOCIAIS: ESPETACULARIZAÇÃO DA MORTE OU DA VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Tecnologia em Licenciatura em computação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), *campus* Valença, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Computação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Jordânia Barbosa Araújo

Valença  
2025

## **DEDICATÓRIA**

A todos que ajudaram a construir essa estrada.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha mãe, Maria Barbara da Conceição  
A meu irmão Adenilson da Conceição Pinto  
A minha orientadora Jordânia Barbosa Araújo  
A meu professor de lógica Eduardo Cambruzzi  
A meus professores  
A meus colegas e amigos

## **EPIÍGRAFE**

"Se você não paga pelo produto, você é o produto"

Andrew Lewis

S237s Santos, Everson da Conceição

Suicídio e redes sociais: espetacularização da morte ou da vida?/ Everson da Conceição; orientador Jordânia Barbosa Araújo-- Valença : IFBA, 2025.

44f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciada em Computação) -- Instituto Federal da Bahia, 2025.

1. Redes sociais: internet 2.Suicídio.3. Comportamento humano 4. Saúde mental 5. capitalimo.I. Araújo,Jordânia Barbosa orient. II. TÍTULO.

CDD:155.937

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

EVERSON DA CONCEIÇÃO SANTOS

### **SUICÍDIO E REDES SOCIAIS: ESPETACULARIZAÇÃO DA MORTE OU DA VIDA?**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Computação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), *campus* Valença.

Valença, 03 de setembro de 2025

Banca examinadora

Jordânia Barbosa Araújo - Orientador(a)

Prof<sup>a</sup>. Mestra em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia

Jalisson Henrique - Membro da banca

Prof. Mestre em Ciência da Computação pela Universidade Federal da Bahia

Hortevan Marrocos - Membro da banca

Prof. Mestre em Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## RESUMO

O suicídio é caracterizado como uma grave crise de saúde pública do século XXI, um fenômeno complexo que transcende fronteiras geográficas, culturais e socioeconômicas. Enquanto visões religiosas ou tradicionais muitas vezes o condenam moralmente, a perspectiva médica e científica o entende como a manifestação extrema de um sofrimento psíquico profundo. Essa dualidade de percepções gera estigmas e uma representação social fragmentada, dificultando a compreensão das suas causas multifatoriais e destacando a urgência de superar tabus para abordar o tema de forma crítica, articulando dimensões socioculturais, psicológicas e de saúde coletiva. A representação do suicídio na mídia e no entretenimento tem um impacto direto e mensurável no comportamento, explicado por dois efeitos antagônicos. O "Efeito Werther", batizado em referência a uma obra de Goethe, descreve o aumento de casos por imitação após a divulgação irresponsável de suicídios, especialmente de figuras públicas. Em contrapartida, o "Efeito Papageno" demonstra que narrativas que focam na superação da crise e na busca por ajuda podem ter um efeito preventivo, salvando vidas. Além disso, o tema é cercado por um forte tabu social, com raízes em condenações religiosas históricas (como no Cristianismo, Judaísmo, Islamismo, Hinduísmo e Budismo) e até na criminalização em alguns países, embora não no Brasil, onde apenas a indução ou auxílio são crimes. O ambiente digital, particularmente as redes sociais, tornou-se um palco crítico para essa questão. Seus algoritmos, projetados para maximizar o engajamento e o tempo de tela, podem criar "bolhas" que expõem usuários vulneráveis a conteúdos nocivos e comunidades que romantizam o suicídio, potencializando pensamentos autodestrutivos. Com base nesses aspectos se faz necessário um estudo de como as redes sociais influenciam nos comportamentos suicidas de adolescentes e jovens em meio a esse ambiente tão presente em suas vidas quanto as redes sociais.

**Palavras-chave:** suicídio, internet, rede sociais, capitalismo, saúde mental.



## ABSTRACT

Suicide is characterized as a serious public health crisis of the 21st century, a complex phenomenon that transcends geographic, cultural, and socioeconomic boundaries. While religious or traditional views often condemn it morally, the medical and scientific perspective understands it as the extreme manifestation of deep psychological suffering. This duality of perceptions generates stigma and a fragmented social representation, making it difficult to fully understand its multifactorial causes and highlighting the urgency of overcoming taboos to address the issue critically, integrating sociocultural, psychological, and public health dimensions. The portrayal of suicide in the media and entertainment has a direct and measurable impact on behavior, explained by two opposing effects. The "Werther Effect," named after a work by Goethe, describes the increase in cases due to imitation following the irresponsible coverage of suicides, especially those involving public figures. Conversely, the "Papageno Effect" demonstrates that narratives focusing on overcoming crises and seeking help can have a preventive impact, saving lives. Moreover, the subject is surrounded by strong social taboos, rooted in historical religious condemnations (such as in Christianity, Judaism, Islam, Hinduism, and Buddhism) and even in the criminalization of suicide in some countries—though not in Brazil, where only inducement or assistance is considered a crime. The digital environment, particularly social media, has become a critical stage for this issue. Algorithms designed to maximize engagement and screen time can create "bubbles" that expose vulnerable users to harmful content and communities that romanticize suicide, intensifying self-destructive thoughts. Based on these aspects, it is necessary to study how social networks influence suicidal behaviors among adolescents and young adults, in an environment as present in their lives as social media itself.

**Keywords:** suicide, internet, social networks, capitalism, mental health.

## SUMÁRIO

|                                                   |    |
|---------------------------------------------------|----|
| Introdução                                        | 10 |
| Justificativa                                     | 12 |
| Objetivo geral                                    | 12 |
| Objetivo específico                               | 13 |
| Fundamentação teórica                             | 14 |
| 1 Suicídio                                        | 14 |
| 1.1.1 Suicídio No Entretenimento E Mídia          | 15 |
| 1.2 Suicídio Como Tabu Social                     | 18 |
| 2. Redes Social E Sociedade                       | 20 |
| 2.1 Algoritmo                                     | 21 |
| 2.2 Identidades E Rede Social                     | 24 |
| 2.3 Cyberbullying                                 | 25 |
| 2.4 Modificadores De Comportamento                | 27 |
| 3 Influência Da Internet No Comportamento Suicida | 29 |
| 3.1 Estilo De Vida Impossível                     | 30 |
| 3.2 Casos De Suicídio Na Internet                 | 32 |
| 3.3 Brincadeiras Que Levaram A Morte              | 33 |
| 3.4 Comunidades De Disseminações                  | 34 |
| 3.5 Ferramentas De Fiscalizações                  | 36 |
| Conclusão                                         | 38 |
| Referências                                       | 41 |

## INTRODUÇÃO

Ao se falar sobre o suicídio de jovens e adolescentes, é imprescindível discutir a influência das redes sociais nesse contexto, considerando que elas ocupam um espaço significativo na vida dessa faixa etária, ainda em formação, que constantemente busca aprovação social ou pertencimento a grupos.

O surgimento da internet, na década de 1990, representou um marco no desenvolvimento da sociedade contemporânea, trazendo novas formas de interação, comunicação e produção de conhecimento. Com o avanço acelerado da tecnologia digital, a vida social passou a ser cada vez mais mediada pelo ambiente virtual, especialmente pelas redes sociais, que hoje ocupam papel central no cotidiano de jovens e adultos. Esse novo cenário, embora tenha gerado benefícios inegáveis, também produziu impactos sociais preocupantes, entre os quais se destaca a relação entre redes sociais e comportamentos autodestrutivos, como o suicídio.

Em sua obra clássica *O Suicídio* (1897), Émile Durkheim apresenta uma abordagem sociológica pioneira ao classificar o fenômeno em três tipos principais: egoísta, altruísta e anômico/fatalista. Para o autor, o suicídio não pode ser compreendido apenas como um ato individual, mas como resultado de forças sociais que influenciam o indivíduo, seja pelo excesso de controle exercido sobre ele, seja pela ausência de laços e regulações coletivas. Nesse sentido, a análise das redes sociais à luz de Durkheim revela como esses ambientes digitais podem intensificar tanto o isolamento quanto a pressão social, criando condições que favorecem a vulnerabilidade emocional e, em casos extremos, a ideação suicida.

A influência das redes sociais, entretanto, não se limita à dimensão do controle social descrita por Durkheim. O filósofo francês Guy Debord, em *A Sociedade do Espetáculo* (1967), aponta que a vida moderna se organiza em torno da espetacularização da existência, em que a aparência e a imagem se tornam mais relevantes que a experiência real. Essa perspectiva se conecta às análises de Jean Baudrillard, que, em *A Sociedade de Consumo* (1970), demonstra como os bens materiais e simbólicos funcionam como instrumentos de fuga e compensação em um mundo orientado pela lógica mercadológica. Nas redes sociais, esses processos se intensificam: a busca incessante por visibilidade, curtidas e validação se transforma em uma forma de consumo de si mesmo e dos outros, que pode agravar sentimentos de inadequação e frustração.

Nesse cenário, emergem fatores contemporâneos que reforçam a relação entre redes sociais e sofrimento psíquico. Os algoritmos, frequentemente acusados de manipular a atenção e induzir vícios digitais, são projetados para maximizar o tempo de permanência dos usuários nas plataformas, aumentando a exposição a comparações sociais e a conteúdos nocivos. As chamadas Big Techs, movidas por interesses econômicos, assumem papel central nesse processo, ao promover modelos de negócios que exploram dados pessoais e transformam a atenção humana em mercadoria. No entanto, a responsabilidade não se restringe às empresas ou aos códigos algorítmicos: a própria dinâmica social, marcada por fenômenos como o cyberbullying, a cultura da comparação e a idealização de vidas inalcançáveis, contribui para a intensificação de transtornos como ansiedade, depressão e, em casos graves, a decisão pelo suicídio.

Dessa forma, compreender a influência das redes sociais sobre o suicídio exige uma abordagem interdisciplinar que articule sociologia, filosofia e psicologia, evidenciando que esse fenômeno não pode ser reduzido a um problema individual, mas deve ser entendido como reflexo de uma sociedade cada vez mais mediada pela lógica do espetáculo, do consumo e da hiperconectividade digital. Nesse contexto, este estudo busca responder à seguinte questão-problema: De que forma o uso das redes sociais influencia o comportamento suicida em adolescentes e jovens adultos?

Assim, este trabalho será desenvolvido de forma sequencial, trazendo no primeiro capítulo a conceituação do que é o suicídio e como ele é percebido pelas grandes religiões, bem como pela sociedade, tanto nos meios de comunicação quanto fora deles. No segundo capítulo, será apresentada uma explicação sobre as redes sociais e sobre como, por meio de algoritmos e da dinâmica do ambiente virtual, elas influenciam a vida dos usuários. Por fim, no terceiro e último capítulo, será abordada a relação entre redes sociais e suicídio, analisando tanto as comunidades de disseminação de conteúdo relacionadas ao tema quanto os desafios presentes nessas plataformas, que podem potencializar esse fenômeno.

Este estudo adota como objeto de investigação o fenômeno do suicídio e suas inter-relações com as redes sociais digitais. A metodologia segue um percurso bibliográfico e analítico, de caráter qualitativo e interdisciplinar, estruturado em três eixos principais: (i) análise teórico-clássica do suicídio, (ii) estudo crítico da sociedade contemporânea e da espetacularização da vida, e (iii) investigação das dinâmicas próprias das redes sociais e seus impactos sobre subjetividades e práticas sociais.

No primeiro eixo, retomam-se as contribuições de Émile Durkheim (O Suicídio, 1897/2000), fundamentais para a compreensão sociológica da questão, articuladas à leitura de obras literárias e filosóficas que tematizam o suicídio, como Os Sofrimentos do Jovem Werther. No segundo eixo, incorporam-se autores que problematizam a modernidade e suas consequências sobre a experiência subjetiva, como Guy Debord (A Sociedade do Espetáculo, 1967), Zygmunt Bauman (Modernidade Líquida, 2001; Vida Líquida, 2008) e Byung-Chul Han (Sociedade do Cansaço, 2015).

O terceiro eixo concentra-se na dimensão digital e nos impactos da internet e das redes sociais na construção da vida social, das identidades e das representações do suicídio. Para isso, foram mobilizadas obras fundacionais sobre o conceito de redes sociais (BOYD; ELLISON, 2007; JORNALISMO ESPM, 2017.1) e mídias digitais (KAPLAN; HAENLEIN, 2010; ABIDIN, 2018), bem como análises críticas da cultura online e de seus efeitos psicológicos e sociais (CARR, 2011; LANIER, 2018; SIBILIA, 2016). Também foram consideradas contribuições acerca da moderação de conteúdo e das estruturas ocultas das plataformas (GILLESPIE, 2018; ROBERTS, 2019; SUZOR, 2019), do papel dos algoritmos na amplificação de desigualdades (NOBLE, 2018) e dos riscos associados à exposição de conteúdos relacionados a práticas autodestrutivas (GOMES et al., 2014; MARCHANT et al., 2021; TILLY et al., 2025).

### **Justificativa**

A crescente popularidade das redes sociais entre adolescentes e jovens adultos têm levantado preocupações significativas sobre sua influência na saúde mental, especialmente no que diz respeito ao comportamento suicida. Compreender essa relação é essencial para o desenvolvimento de estratégias de prevenção eficazes que possam ser aplicadas no ambiente online, um espaço que já se tornou parte indissociável do cotidiano dessa população. Este estudo se mostra relevante para profissionais de saúde, educadores, pais e gestores de plataformas digitais (Big Techs), ao oferecer subsídios que permitam não apenas minimizar riscos, mas também potencializar o uso positivo dessas ferramentas na promoção do bem-estar social e mental.

### **Objetivo Geral**

Analisar a relação entre o uso da internet, especialmente das redes sociais, e o comportamento suicida em adolescentes e jovens adultos, identificando os fatores de risco e as possibilidades de prevenção.

### **Objetivos Específicos**

1. Identificar como o conteúdo relacionado ao suicídio é disseminado nas redes sociais digitais e como ele afeta o comportamento de adolescentes e jovens adultos.
2. Examinar a influência de comunidades online e grupos de apoio virtuais no comportamento suicida e na saúde mental.
3. Compreender o fenômeno do suicídio e sua relação com as redes sociais digitais.
4. Analisar como o tema é visto pela sociedade assim como as repercussões de sua análise.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Caracterizado como um dos maiores males do século XXI, o suicídio se configura como uma crise de saúde pública muitas vezes silenciosa, com impactos profundos na sociedade contemporânea. Este fenômeno complexo afeta milhares de indivíduos globalmente, transcendendo fronteiras geográficas, culturais e socioeconômicas. Enquanto algumas perspectivas religiosas e tradicionais o interpretam como um ato moralmente condenável, outras abordagens, alinhadas à visão médica e científica, reconhecem-no como manifestação extrema de sofrimento psíquico. Essa dualidade de percepções contribui para uma representação social fragmentada, marcada por estigmas e desconhecimento sobre suas causas multifatoriais. Neste contexto, compreender o suicídio para além de tabus torna-se imperativo, exigindo uma análise crítica que articule dimensões socioculturais, psicológicas e de saúde coletiva.

### 1 SUICÍDIO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o suicídio como o ato deliberado de tirar a própria vida, realizado de forma intencional e consciente, salientando que se trata de uma grave questão de saúde pública mundial. Segundo a instituição<sup>1</sup>, o fenômeno é resultado de uma complexa combinação de fatores psicológicos, culturais, sociais e ambientais. Embora seja um problema presente na humanidade desde seus primórdios, assumindo, em algumas culturas, um caráter de retratação social, como no Japão e na Índia, ou sendo praticado como forma de autopunição e escapismo, a OMS enfatiza que a maioria dos casos pode ser prevenida por meio de orientações específicas, apoio social e acesso a programas de prevenção.

Por sua relevância, o tema tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores, entre os quais se destaca Émile Durkheim. Em sua obra clássica *O Suicídio* (2000) define o suicídio como: “chama-se suicídio todo caso de morte que resulte direta ou indiretamente de um ato, praticado pela própria vítima sabedora de que deveria produzir esse resultado” (DURKHEIM, 1982, p.16). Durkheim propõe

---

<sup>1</sup> ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio Washington, DC: OPAS, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/en/campaigns/world-suicide-prevention-day-2022> . Acesso em: 21 jan. 2025.

compreender o suicídio como um fenômeno essencialmente social, definindo-o como todo caso de morte resultante, direta ou indiretamente, de um ato positivo ou negativo realizado pela própria vítima, com plena consciência do resultado que produziria. A partir dessa concepção, o autor classifica o suicídio em três tipos principais: egoísta, altruísta e anômico (posteriormente ampliado com o tipo fatalista).

O suicídio egoísta ocorre quando há baixa integração do indivíduo ao meio social, levando-o a sentir-se excluído ou desconectado, como em contextos individualistas ou em determinadas práticas religiosas. O suicídio altruísta, por sua vez, resulta do excesso de integração social, em que o indivíduo se sacrifica por obrigações ou valores coletivos. Já o suicídio anômico é caracterizado por momentos de ausência ou fragilidade das normas sociais, como durante crises econômicas ou guerras. O tipo fatalista, menos explorado, relaciona-se a indivíduos submetidos a situações de opressão extrema e sem possibilidade de fuga, como prisioneiros ou escravizados. Apesar de formuladas há mais de um século, essas categorias mantêm a atualidade, sobretudo na era digital, em que as relações sociais e os padrões de pertencimento se reconfiguram constantemente.

Entre 2000 e 2019, as taxas globais de suicídio caíram 36%, com reduções significativas em regiões como Europa (47%) e Pacífico Ocidental (49%). Contudo, nas Américas, houve um aumento de 17% no mesmo período. Para enfrentar essa realidade, a OMS recomenda medidas como a restrição ao acesso a meios letais, maior conscientização de jovens, capacitação da mídia para cobertura responsável, ampliação de linhas de apoio e tratamento preventivo.<sup>2</sup>

Entretanto, as tentativas de suicídio permanecem subnotificadas e, em muitos casos, são exploradas por mídias alternativas ou redes sociais, contrariando as recomendações de comunicação responsável. Essa exposição indevida, muitas vezes em formatos de entretenimento, torna o suicídio um tema presente, e, por vezes, banalizado, no ambiente digital. Nesse contexto, compreender como fenômenos sociais, culturais e comunicacionais influenciam comportamentos suicidas torna-se imprescindível, especialmente em uma era em que a conexão digital amplia tanto o alcance da prevenção quanto o risco de incentivo.

---

<sup>2</sup> WORLD HEALTH ORGANIZATION. LIVE LIFE: an implementation guide for suicide prevention countries. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/en/documents/live-life-implementation-guide-suicide-prevention-countries> . Acesso em: 21 jan. 2025.



Com o suicídio se mostrando cada vez mais como um mal global, ele é retirado do silêncio que o envolveu ao longo da história da humanidade, sendo levado à mídia, seja pelo interesse do capitalismo em lucrar com cada aspecto da vida humana, seja pela necessidade de alertar a sociedade a respeito do problema.

### 1.1 Suicídio no entretenimento e mídia

Tratar o suicídio na mídia carrega consigo o peso de representar um assunto extremamente sensível, tanto pelo risco de acionar gatilhos em pessoas e famílias, quanto pela forma como é abordado, que pode gerar consequências graves. Esse impacto levou sociólogos a criar dois termos para explicar esses possíveis efeitos: o efeito Werther e o efeito Papageno. O primeiro está relacionado ao aumento dos suicídios, enquanto o segundo está associado ao crescimento da busca por ajuda.

O efeito Werther deriva do livro *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (Goethe, 1774), que conta a história de um jovem apaixonado por uma mulher comprometida e que, em meio ao sofrimento, põe fim à própria vida. O livro foi um sucesso em sua época e levou diversos fãs a imitarem a forma como o personagem realizou o ato final, resultando em uma onda de suicídios. Com isso em sua definição “O efeito Werther refere-se ao aumento no número de suicídios após a ampla divulgação de um caso, especialmente quando envolve uma pessoa famosa” (KOVÁCS, HWANG, 2017, p.77). Esse termo foi cunhado pelo sociólogo americano David Phillips<sup>3</sup>, em 1974, ao observar que a divulgação de suicídios, principalmente de pessoas famosas, nas primeiras páginas de jornais aumentava o número de suicídios semelhantes aos noticiados. Suas pesquisas sobre o fenômeno consolidaram o uso do termo inspirado no clássico alemão do século XVIII.

O efeito Werther alerta para os riscos de uma cobertura irresponsável sobre o tema. Um caso emblemático foi a cobertura do suicídio do ator Robin Williams (1951–2014), amplamente divulgado pela mídia. Anos depois, um estudo da Universidade de Columbia apontou um aumento de 32% nos suicídios por asfixia, método utilizado pelo ator, nos Estados Unidos.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Phillips, D. P. (1974). *The influence of suggestion on suicide: Substantive and theoretical implications of the Werther effect*. **American Sociological Review**, 39(3), 340-354.

<sup>4</sup> COLUMBIA UNIVERSITY. Suicides spiked after the death of Robin Williams. Public Health, 2022. Disponível em: <https://www.publichealth.columbia.edu/news/suicides-spiked-after-death-robin-williams>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Diante desses riscos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou, em 1999, uma cartilha de prevenção ao suicídio, na qual recomenda uma abordagem responsável para reportar e representar o tema, chamando atenção especialmente para a forma como são divulgadas tentativas ou consumação de atos.

Em contrapartida, temos o efeito Papageno, inspirado no personagem da ópera *A Flauta Mágica*, de Mozart (1791). Na obra, Papageno, temendo perder sua amada, Papagena, tem pensamentos suicidas, mas, ao conversar com três espíritos amigos, desiste de consumir o ato.

Esse conceito foi introduzido pelo pesquisador austríaco Thomas Niederkrotenthaler<sup>5</sup>, em 2010, mostrando que a informação responsável e a cobertura positiva de casos de superação podem incentivar a busca por ajuda e, consequentemente, salvar milhares de vidas ao redor do mundo.

Esses dois efeitos demonstram como a forma de representar o suicídio na mídia pode influenciar o público: de um lado, podendo incentivar a repetição do ato; de outro, promovendo a busca por ajuda, seja de amigos, familiares ou profissionais de saúde mental.

A forma como o suicídio é retratado nos meios de informação, sejam eles jornalísticos ou ficcionais, reflete, em grande parte, o tabu social que envolve o tema, frequentemente tratado como um dos maiores pecados ou até mesmo como crime imperdoável em diversas culturas, invisibilizando ainda mais esse tema, que por muitas é levado a crer que a forma correta de ser tarada é não falar sobre.

## 1.2 Suicídio como tabu social

Em diferentes sociedades, o suicídio é visto como um tabu social, sendo representado por meio da religião e da política. Na religião, o suicídio é interpretado de maneiras distintas de acordo com cada vertente. Para os hinduístas, por exemplo, o suicídio é considerado uma regressão da alma, em que os indivíduos têm seu espírito reencarnado em formas mais básicas, como animais, distanciando-se do divino. Nesse contexto, o suicídio é visto como uma violação do dever sagrado do indivíduo, pois a vida é considerada um presente divino que deve ser vivida em harmonia com o dharma (SHARMA, 1985).

---

<sup>5</sup> Niederkrotenthaler, T. et al. (2010). *Role of media reports in completed and prevented suicide: Werther v. Papageno effects*. **British Journal of Psychiatry**, 197(3), 234-243.

No budismo, o suicídio, assim como no hinduísmo, não é compreendido como uma forma consciente de encerrar um ciclo. O indivíduo que consuma o ato seria conduzido a um plano negativo, onde seu nível de consciência se aproxima de sentimentos como ódio e violência, o estágio mais primitivo da alma. Esse ato, portanto, gera um carma negativo, atrasando o processo de renascimento cíclico (samsara) (KEOWN, 1996).

No Ocidente, a visão sobre o suicídio é influenciada pelas escrituras sagradas das religiões de vertente hebraica, que não apresentam uma determinação totalmente clara sobre o tema, deixando espaço para interpretações. Assim, as três grandes religiões, cristianismo, judaísmo e islamismo, possuem diferentes formas de lidar com o assunto.

Para o cristianismo, o suicídio é um ato absolutamente proibido, pois o indivíduo estaria negando a dádiva divina da vida. Diversos versículos bíblicos reforçam que a vida, sendo uma bênção de Deus, não cabe ao ser humano tirá-la. De modo semelhante, o judaísmo, além de condenar o ato, manteve durante séculos uma prática, hoje abolida, de enterrar os suicidas em áreas separadas dos cemitérios. No geral, as religiões de vertente hebraica condenam o suicídio, considerando-o uma negação do dom divino. (KHOSA; BUQA)

Uma questão importante a se destacar é a mudança de entendimento da Igreja Católica ao longo do tempo. Até 1983, indivíduos que cometiam suicídio não tinham direito a ritos fúnebres nem a missa de sétimo dia. Com a promulgação do Cânon 1184 do Código de Direito Canônico de 1983, essa postura foi alterada, passando a permitir os ritos quando fosse comprovada a presença de doenças mentais.

Quase todas as religiões, de alguma forma, interpretam o suicídio como uma rejeição à dádiva da vida. Algumas correntes espirituais, como o espiritismo, não condenam diretamente o ato, mas trazem visões punitivistas. No livro *Memórias de um Suicida* (PEREIRA, 2019), por exemplo, o suicídio é retratado como um martírio doloroso, em que o espírito sofre no plano espiritual, testemunhando o sofrimento dos entes queridos e experimentando sensações físicas semelhantes à decomposição do corpo. Outras obras, porém, apresentam uma visão mais amena, relatando que espíritos mais evoluídos auxiliam os suicidas em sua transição, permitindo-lhes iniciar um novo ciclo cármico. “O sofrimento do suicida não se encerra na sua morte. Se arrasta por anos a fio, quiçá séculos, e não termina senão com uma reencarnação

repleta de sofrimentos causais e dolorosa limitação física” (PEREIRA; BOTELHO, 2004, p.26).

Saindo do campo religioso e entrando na esfera jurídica, o Código Penal Brasileiro, em seu artigo 122, não criminaliza o ato de suicídio em si. No entanto, tipifica como crime induzir, instigar ou auxiliar alguém a cometê-lo, com penas que variam de um a seis anos de prisão, podendo ser agravadas em determinadas circunstâncias. Já em outros países, como Nigéria, Paquistão, Papua-Nova Guiné e Qatar, o suicídio é criminalizado, com punições que podem recair não apenas sobre quem tenta o ato, mas também, em alguns casos, sobre os familiares. Para a OMS, essa criminalização é contraproducente, pois tende a aumentar o risco de novas tentativas até a consumação do ato.

Discutir a ligação entre suicídio e redes sociais, embora ainda seja um tabu social, mostra-se imprescindível para a compreensão de como essa nova forma de comunicação está influenciando as tendências suicidas dos usuários.

## 2 REDES SOCIAIS E SOCIEDADE

O surgimento das redes sociais remonta ao início dos anos 2000, embora suas bases possam ser identificadas em plataformas de comunicação e interação virtual da década de 1990, como fóruns e salas de chat. O desenvolvimento da internet de alta velocidade, aliado à popularização de computadores pessoais e dispositivos móveis, possibilitou a criação de espaços digitais nos quais os usuários poderiam compartilhar informações, imagens, vídeos e experiências em tempo real. Boyd e Ellison (2007, p. 211) no *Social network sites*, destacam que “as redes sociais online são serviços baseados na web que permitem aos indivíduos construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema delimitado e articular uma lista de outros usuários com os quais compartilham uma conexão”, evidenciando a centralidade da sociabilidade virtual no início da era digital.

A popularização das redes sociais acelerou-se com a chegada de plataformas globais como Facebook, Twitter, Instagram e TikTok, que introduziram recursos de interação instantânea, feed personalizado e algoritmos de recomendação. Kaplan e Haenlein em *Users of the world, unite! The challenges and opportunities of Social Media* afirmam que “as redes sociais permitem que indivíduos e organizações se comuniquem, criem e compartilhem conteúdos, interagindo em tempo real com audiências globais” (KAPLAN; HAENLEIN 2010, p. 61), mostrando como essas plataformas transformaram a comunicação e a construção de identidade. Ao mesmo tempo, esse fenômeno trouxe desafios como cyberbullying, pressão por validação social e disseminação de informações nocivas, afetando especialmente jovens e adolescentes que passam grande parte do dia imersos nesses ambientes digitais.

Essa frequência nas redes sociais é mantida por um conjunto de códigos que praticamente demandam sobre o que deve e não deve ser exibido nas redes sociais, os chamados algoritmos que comandam quase tudo que tem a ver com o consumo de conteúdos nas redes sociais.

### 2.1 Algoritmo

As redes sociais não poderiam se consolidar como o grande fenômeno midiático contemporâneo sem a presença de um elemento invisível: o algoritmo. Esse

conjunto de códigos, projetado para organizar e priorizar conteúdos, é frequentemente personificado como uma entidade com vontade própria, capaz de decidir o que vemos, quando vemos e por quanto tempo permanecemos conectados. Ele não apenas molda tendências e sugere novos conteúdos, mas também mantém os usuários imersos em um fluxo constante de estímulos visuais e informacionais.

Segundo Tufekci (2015), em um artigo no *Colorado Technology Law Journal* nos diz que, algoritmos “aprendem” com o comportamento do usuário e ajustam continuamente o conteúdo apresentado para maximizar engajamento e tempo de permanência na plataforma. Sendo essa a principal função desses códigos que foram imaginados com esse intuito, dando assim ao usuário constante conteúdo para que ele permaneça na rede e logo sendo levado para a segunda função importante dos algoritmos que são as recomendações customizadas.

Quando se fala dos algoritmos nas redes é correto dizer que “Os algoritmos de recomendação não apenas mostram conteúdo, mas moldam preferências, crenças e até ações no mundo real” (TUFEKCI, 2015, p. 206). Sendo particularmente eficazes para jovens e adolescentes em que são muito mais influenciados por esses algoritmos, tanto por sua busca por aceitação em grupos sociais como pelas permanências nessas redes, onde tendências suicidas assim como possíveis direcionamentos a comunidades que tenham esse tipo de temática, esses mesmos algoritmos são usados como uma forma de prisão de atenção onde chamam os usuários para estarem conectados o máximo de tempo possível.

Criados com o objetivo de manter atenção dos usuários, esses sistemas filtram e priorizam informações em timelines personalizadas, construídas a partir de dados de navegação, interações e histórico de consumo. O resultado é um feed que parece infinito, mas que é cuidadosamente calibrado para reforçar interesses e emoções pré-existentes, potencializando comportamentos e, em alguns casos, levando à radicalização e à intensificação de transtornos mentais.

Engana-se quem acha que esse tipo de efeito é causado por um erro de programação. Em *Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais*, Lanier (2018) alerta que esses mecanismos não são neutros: “Os algoritmos de redes sociais são projetados para manipular emoções, não para informar. A meta é prender você, não o libertar” (LANIER, 2018, p. 45). desenvolvidos com o intuito de prender a atenção dos usuários em suas plataformas esses códigos assim como diferentes elementos que constituem essas redes, como é o caso dos botões de curtir, assim

como os campos de comentários, servem para que os usuários tenham constantes estímulos de resposta, dando assim a ele a sensação de estar o tempo inteiro em uma conversa com milhões de pessoas.

Além de serem uma ferramenta de engajamento, os algoritmos transformaram as redes sociais em uma engrenagem essencial para o capitalismo contemporâneo. Por meio da coleta massiva de dados, empresas e anunciantes conseguem criar perfis altamente detalhados dos usuários, permitindo a personalização extrema de anúncios e influenciando hábitos de consumo e até comportamentos políticos. Como observa Zuboff (2019), em *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*: “O capitalismo de vigilância transforma cada comportamento humano em dados, que são analisados e comercializados como matéria-prima para novos produtos preditivos” (ZUBOFF, 2019, p. 13). As redes sociais são possivelmente a maior ferramenta do capitalismo nos dias atuais, sendo que a mesma apresenta uma forma de desenvolver um perfil único para cada cliente.

Criando um perfil único para cada cliente, as empresas podem desenvolver propagandas que são muito mais direcionadas, sendo que as corporações que comandam grandes redes vendem os dados recolhidos pelos seus algoritmos para empresas de marketing que, por sua vez, começam a mandar propagandas que podem gerar mais chances de resultar em uma compra.

Essa capacidade de conhecer o usuário tão profundamente cria uma assimetria de poder sem precedentes. Em *The Filter Bubble: What the Internet Is Hiding from You*, Pariser (2011) já advertia que essa personalização cria o que ele chamou de filtro-bolha: “O que o algoritmo decide nos mostrar molda a nossa percepção do mundo, criando bolhas de informação que reforçam nossas próprias visões e isolam-nos de perspectivas diferentes” (PARISER, 2011, p. 9). As bolhas nas redes sociais, também conhecidas como *filter bubbles*, são formadas quando os algoritmos filtram e selecionam conteúdos com base nos interesses, preferências e interações anteriores do usuário. Esse processo cria um ambiente virtual onde a pessoa é constantemente exposta a ideias, notícias e opiniões semelhantes às que já consome, reduzindo o contato com perspectivas diferentes. Embora essa filtragem seja eficiente para manter o usuário engajado, ela limita o acesso a informações diversas, reforçando crenças pré-existentes e dificultando o desenvolvimento de uma visão crítica e plural. Eli Pariser (2011), que popularizou o conceito, alerta que essa personalização extrema pode criar “muros invisíveis” entre grupos sociais.

No contexto social e político, essas bolhas favorecem a polarização e podem intensificar comportamentos radicais. Ao reforçar opiniões e evitar o confronto com informações contrárias, o algoritmo cria um ciclo de retroalimentação que pode levar à radicalização ideológica ou à validação de comportamentos prejudiciais, como práticas autodestrutivas e discursos de ódio. Além disso, a permanência dentro dessas bolhas contribui para a criação de microculturas e comunidades fechadas, muitas vezes propícias à disseminação de teorias conspiratórias, extremismo e até incentivo ao suicídio.

No âmbito da influência que o suicídio tem sobre os jovens e adolescentes a elevação desses “muros invisíveis” coloca em contato pessoas que possuem pensamentos similares ou fazem surgir comunidades com esse tema, assim como limitam o campo de conhecimento dos usuários de determinados assuntos, levando-os a acreditar que suas ideias são as únicas verdades reais.

Quando o tema gira em torno do suicídio ou autolesão, esse efeito algorítmico pode se tornar perigoso ao reforçar pensamentos suicidas e criar uma validação mútua entre membros vulneráveis, mesmo sem buscar ativamente esse conteúdo, usuários podem ser arrastados para “espirais” de material suicida por meio de recomendações por hashtags ou algoritmos de engajamento. Conforme apontam pesquisadores participantes de estudo sobre mídias digitais e saúde mental: “os algoritmos das redes sociais ampliam narrativas prejudiciais ao expor usuários, mesmo de forma passiva, a conteúdos relacionados ao suicídio, atraindo-os para espirais de material autodestrutivo.” (TILLY, 2025). Mesmo com as fiscalizações das redes, por meio de moderadores essas questões continuam se espalhando no meio digital.

Os algoritmos, frequentemente apresentados como ferramentas objetivas e neutras, podem reproduzir e até amplificar preconceitos estruturais presentes na sociedade, resultando em práticas discriminatórias conhecidas como racismo algorítmico. Isso ocorre porque os dados usados para treinar esses sistemas refletem desigualdades históricas e culturais, fazendo com que decisões automatizadas, como recomendações, filtragens e priorizações, favoreçam determinados grupos em detrimento de outros. Para Safiya Umoja Noble (2018) em *Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism*, os algoritmos não levam as comunidades negras em relevância dando assim uma falta de confiança, evidenciando como essas tecnologias podem reforçar exclusões e estereótipos. Assim, longe de serem



imparciais, tais sistemas perpetuam formas invisíveis de discriminação, que afetam diretamente a visibilidade e a representatividade de pessoas negras e de outras minorias no espaço digital.

Assim, as redes sociais, mediadas por algoritmos, não apenas vendem produtos e estilos de vida, mas também formatam visões de mundo, influenciam decisões e afetam diretamente a saúde mental e emocional de milhões de pessoas. Essa dinâmica reforça a lógica capitalista de maximização do lucro, onde o tempo e a atenção do indivíduo se tornam mercadorias altamente valiosas. Em uma era que a maioria das pessoas passam cada vez mais tempo na internet a mercantilização do ser humano acaba por ser mais popular que em muitas eras da história da humanidade, não somente dos corpos físicos, mas de suas identidades virtuais.

## **2.2 Identidades e rede social**

Com o aumento dos dados fornecidos por nós às redes sociais, essas informações passaram a servir de base para que empresas criem perfis de consumo e, a partir deles, desenvolvam produtos e serviços direcionados a públicos específicos. Esse processo acaba por formar o que muitos chamam de “bolhas”, nas quais nos relacionamos apenas com pessoas de pensamentos semelhantes ou até idênticos aos nossos. Para Bauman em sua obra *Modernidade líquida* (2005), “na sociedade líquida, a identidade é um projeto, não uma dádiva; algo que se constrói e desconstrói ao sabor das circunstâncias” (BAUMAN, 2005, p. 23).

Em uma sociedade saudável, a convivência com diferentes pensamentos — convergentes ou divergentes — impulsionaria o desenvolvimento social e individual. A psicóloga e socióloga americana Sherry Turkle argumenta que “a tecnologia nos seduz onde somos mais vulneráveis: e estamos mais vulneráveis quando nos sentimos mais sozinhos” (TURKLE, 2011, p. 1). Ela alerta para o fato de que, ao mesmo tempo que as redes sociais nos conectam, também nos isolam, criando uma “solidão compartilhada”. A falsa sensação de companhia contínua faz com que esqueçamos o que é estar verdadeiramente acompanhado, perdendo a noção de estar só e mergulhando em um sentimento profundo de solidão.

Retomando as reflexões de Bauman sobre as sociedades líquidas, ele nos mostra que os paradigmas sólidos foram quebrados, dando lugar a um estado de constante fluidez. Nesse contexto, surgem as chamadas “identidades líquidas”, que são formadas e reformadas ao longo da vida, adaptando-se às circunstâncias. Em

entrevista concedida ao jornalista Ricardo de Querol, do El País, em 2016, Bauman afirmou que as redes sociais funcionam como armadilhas, criando zonas de conforto que nos afastam de desafios reais, prejudicando tanto a formação da identidade quanto às relações interpessoais.

Ao afirmar que as redes sociais são armadilhas, Bauman não desqualifica a importância delas na sociedade contemporânea, mas nos alerta para os cuidados que devemos ter em seu uso, a fim de não nos tornarmos reféns desse ambiente.

Outro autor que dialoga com esse tema é Byung-Chul Han, em sua obra mais conhecida no Brasil, *Sociedade do Cansaço* (2015). Han discute como estamos nos sufocando sob o peso de expectativas que muitas vezes não são nossas, mas sim impostas por uma lógica de desempenho e uma visão de positividade excessiva. Essas pressões, amplificadas pelas redes sociais, transformam-se em mais um mecanismo de controle dos usuários, reforçando um ciclo de exaustão emocional e mental.

### **2.3 Cyberbullying**

Com o aumento da permanência nas redes sociais, perigos que antes eram considerados problemas presenciais começaram a migrar para esses espaços digitais, alguns até recebendo novos nomes para descrever práticas que se espalharam no ambiente virtual.

Um desses exemplos é o bullying, também conhecido como intimidação sistemática, caracterizado por agressões, perseguições ou intimidações repetitivas realizadas por um grupo ou indivíduo, com o objetivo de causar dor e angústia. Antes restrito, em grande parte, ao ambiente escolar, o bullying se expandiu para as redes sociais, passando a ser denominado cyberbullying. Para Slonje e Smith (2008) em sua obra *Cyberbullying: Another main type of bullying?*, o cyberbullying é um “comportamento agressivo e intencional, realizado por meio de dispositivos eletrônicos, com o objetivo de ferir, humilhar ou intimidar outra pessoa” (SLONJE; SMITH, 2008, p. 376). Diferente do bullying presencial, que ocorre em ambientes físicos como escolas, clubes esportivos ou comunidades religiosas, o cyberbullying pode acontecer em qualquer lugar em que a vítima esteja conectada à internet, inclusive dentro de sua própria casa, um espaço onde antes estaria protegida dessas agressões.

Nas redes, as manifestações de bullying podem ser ainda mais danosas, uma vez que as agressões se tornam permanentes, registradas digitalmente, e podem alcançar a vítima em todos os lugares. O Brasil, por exemplo, ocupa o segundo lugar no ranking mundial de casos de cyberbullying, segundo um levantamento do instituto de pesquisa Ipsos, realizado em 2023. A pesquisa, que envolveu mais de 20 países, revelou que 30% dos pais entrevistados afirmaram saber que seus filhos já sofreram algum tipo de cyberbullying<sup>6</sup>.

A prática do cyberbullying trouxe também a popularização de termos específicos da cultura digital. Um exemplo é o termo *hater*, que, no contexto das redes sociais, designa pessoas que disseminam mensagens de ódio, ataques sistemáticos e, muitas vezes, fake news. Outro termo é *sexting*, que se refere a conversas de cunho erótico nas redes, podendo ou não envolver imagens íntimas. No contexto do cyberbullying, esse termo aparece quando um dos envolvidos expõe essas mensagens ou imagens, muitas vezes por vingança. O mesmo ocorre com o *revenge porn* (vingança pornográfica), quando fotos ou vídeos íntimos de uma pessoa são expostos sem consentimento, geralmente com o intuito de humilhá-la.

O “anonimato” oferecido pelas redes também proporciona aos usuários uma falsa sensação de impunidade, o que favorece a prática de outros tipos de violência. Entre os mais comuns está o racismo, que se manifesta por meio de memes, vídeos ou comentários depreciativos, muitas vezes impulsionados pelos algoritmos das plataformas, que tendem a amplificar conteúdos polêmicos ou de engajamento.

Outro problema recorrente é a intolerância religiosa, que, nas redes sociais, se banalizou, com ataques especialmente direcionados a religiões islâmicas ou de matriz africana. Essas religiões, muitas vezes, são associadas erroneamente à marginalidade ou à violência, o que, aliado às chamadas “bolhas de informação”, potencializa esses discursos e pode levar a comportamentos extremistas. Embora esses problemas também existam fora do ambiente virtual, nas redes eles ganham um caráter ainda mais invasivo, pois chegam até a intimidade do lar das vítimas, gerando uma sensação de que não há refúgio, além da dificuldade de rastrear e punir os agressores.

---

<sup>6</sup> WORLD HEALTH ORGANIZATION. LIVE LIFE: an implementation guide for suicide prevention in countries. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/en/documents/live-life-implementation-guide-suicide-prevention-countries>. Acesso em: 21 jan. 2025.

O cyberbullying está diretamente relacionado ao aumento dos casos de sofrimento psíquico e, em situações mais graves, ao suicídio, especialmente entre adolescentes e jovens. A exposição contínua a ofensas, humilhações, ameaças ou à disseminação de informações falsas em ambientes virtuais amplifica sentimentos de isolamento, desesperança e baixa autoestima. Diferente do bullying tradicional, o cyberbullying tem um alcance mais amplo e duradouro, pois os conteúdos ofensivos podem ser compartilhados de forma rápida e permanecer disponíveis indefinidamente. Esse cenário cria um ciclo de violência psicológica que, aliado à falta de apoio social e emocional, pode levar indivíduos vulneráveis a desenvolverem ideação suicida e, em alguns casos, a tentar ou cometer o suicídio. Por isso, compreender essa relação é essencial para o desenvolvimento de estratégias preventivas que envolvam educação digital, apoio psicológico e responsabilização dos agressores.

## **2.4 Modificadores de comportamentos**

Burrhus Frederic Skinner, foi um psicólogo considerado o maior comportamentalista do século XX. Ele foi o criador da teoria do comportamento operante, na qual “o comportamento operante é moldado pelas suas consequências; reforçadores aumentam a probabilidade de respostas, enquanto punições a reduzem.” (SKINNER, 1953, p. 65). Assim, o cérebro reconhece, por meio de impulsos, comportamentos prazerosos, assimilando-os como positivos. As redes sociais foram projetadas justamente para oferecer ao usuário o máximo de recompensas possível, mantendo-o engajado na plataforma. O cientista da computação e crítico das redes sociais, Jaron Lanier, em seu livro sobre redes sociais, afirma que “as redes sociais são projetadas para manipular seu comportamento, mudar quem você é, e viciar você. Elas exploram seu desejo natural de conexão, transformando-o em dependência para lucro.” (LANIER, 2018, p. 45).

Ao compararmos o que Lanier aponta com os estudos comportamentais de Skinner, realizados na década de 1950, percebemos que as redes sociais foram criadas para estimular a liberação de dopamina no cérebro de seus usuários. Kandel explica que “a dopamina é um neurotransmissor envolvido na regulação de diversas funções comportamentais, como motivação, prazer, aprendizado e movimento, desempenhando papel central no sistema de recompensa do cérebro.” (KANDEL et al., 2014, p. 305). Quando o cérebro é exposto a uma grande quantidade de dopamina, ele tende a reduzir a sensibilidade aos seus efeitos em curto prazo. Assim, ao sermos

expostos repetidamente a estímulos que liberam dopamina, nosso cérebro passa a exigir doses cada vez maiores para reproduzir a mesma sensação de prazer, gerando um ciclo semelhante ao de vícios químicos.

Embora a OMS ainda não reconheça o vício em redes sociais ou em internet como uma patologia, em 2024 a organização lançou um alerta sobre os riscos do uso excessivo das plataformas, destacando o seu papel na prática de bullying e no potencial de causar dependência comportamental. Essa dependência pode se manifestar de diversas formas, como os toques fantasmas, quando sentimos o celular vibrar sem que nenhuma notificação tenha chegado; ansiedade ao permanecer muito tempo desconectado, podendo evoluir para crises mais graves; perda de controle sobre o tempo gasto online; preferência por interações digitais em detrimento de experiências reais, como sair com amigos ou participar de atividades presenciais.

Esse fenômeno recebeu o nome de nomofobia, definida como “um fenômeno contemporâneo caracterizado pelo medo irracional de ficar desconectado do celular, provocando alterações emocionais, cognitivas e comportamentais.” (SAYED; HUSSAIN; ABBAS, 2020, p. 12). No Brasil, essa realidade é facilmente observada: em média, os usuários desbloqueiam seus celulares entre 2.000 e 3.000 vezes por dia, o que evidencia como os smartphones e a internet se tornaram elementos indispensáveis, e muitas vezes prejudiciais, em nossas vidas.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> WORLD HEALTH ORGANIZATION. LIVE LIFE: an implementation guide for suicide prevention in countries. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/en/documents/live-life-implementation-guide-suicide-prevention-countries>. Acesso em: 21 jan. 2025.

### 3 INFLUÊNCIAS DA INTERNET NO COMPORTAMENTO SUICIDA

O fenômeno dos suicídios ocorridos ou transmitidos em redes sociais pode ser compreendido à luz da tipologia proposta por Émile Durkheim em *O Suicídio* (1897). Em muitos casos, observa-se a presença de características do suicídio egoísta, pois os indivíduos envolvidos frequentemente apresentam isolamento social, laços comunitários fragilizados e buscam na internet um espaço de pertencimento que, paradoxalmente, reforça sua ideação suicida. Contudo, quando o ato está vinculado a desafios coletivos ou pactos virtuais, como no caso de grupos que incentivam o suicídio ou jogos perigosos, a exemplo da “Baleia Azul”, a morte pode assumir traços do suicídio altruísta, já que o indivíduo se sacrifica em prol de uma causa ou para cumprir regras impostas pelo grupo. Além disso, a ausência de normas e regulações claras no ambiente digital, somada à rápida disseminação de conteúdo nocivo, também aproxima tais casos do suicídio anômico, marcado pela desorientação e pela perda de referenciais sociais.

Com esse alarmante aumento dos suicídios, surgem diversos questionamentos para tentar compreender os motivos dessa triste realidade, levando-nos a buscar respostas em obras de diferentes autores que oferecem reflexões relevantes.

Um desses autores é Guy Debord, que em sua obra *A Sociedade do Espetáculo* (1967) apresenta a ideia de que vivemos em uma comunidade cada vez mais focada na espetacularização da vida. Embora escrita nos anos 1960, sua análise se mostra atual, especialmente quando Debord (1967) afirma que “o espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupa a totalidade da vida social” (DEBORD, 1967.p 22). Nesse contexto, a monetização de conteúdos relacionados a temas sensíveis, incluindo o suicídio, acaba banalizando a gravidade do assunto e transformando o sofrimento em um produto de consumo.

A crescente mediatização da vida, cada vez mais intrusiva, transforma os indivíduos em “shows” a serem acompanhados em todo o mundo. Essa exposição excessiva leva as pessoas a se compararem constantemente, contribuindo para o aumento dos casos de ansiedade, depressão e, conseqüentemente, suicídios. Entre os fatores que intensificam essa realidade estão os padrões de beleza praticamente inalcançáveis, a pressão para seguir influenciadores em suas rotinas, dietas e planos de estudo ou treino. Essas promessas de sucesso — seja conquistar o corpo ideal, a aprovação em um concurso ou o estilo de vida idealizado —, quando não alcançadas,

geram frustração e sofrimento emocional, aumentando o risco de agravamento de quadros psicológicos já existentes.

### 3.1 Estilo de vida impossível

Quando falamos em *sociedade do espetáculo* de Debord (1967), retornamos ao tema do consumo. Guiados pelo consumismo, acabamos imaginando padrões de vida que muitas vezes não são viáveis para todos, uma vez que as oportunidades não são iguais para todos os indivíduos. Ao acompanhar influenciadores, os internautas acabam por eternizar esses padrões em suas vidas, seja por meio de grandes marcas ou de bens de luxo, que criam necessidades em lugares onde antes não existiam. Segundo Débord:

O consumidor real toma-se um consumidor de ilusões. A mercadoria é esta ilusão efetivamente real, e o espetáculo a sua manifestação geral. O valor de uso, que estava implicitamente compreendido no valor de troca, deve estar agora explicitamente proclamado na realidade invertida do espetáculo, justamente porque a sua realidade efetiva é corroída pela economia mercantil superdesenvolvida; e porque uma pseudojustificação se torna necessária à falsa vida. (DÉBORD, 1997, p. 32)

Ao criar uma ilusão, o espetáculo se canibaliza, tornando os fins subordinados aos meios, e dando ao consumidor a impressão de que não está sendo influenciado a consumir ou a almejar algo que antes não desejava. A ilusão se estende muito além dos produtos, transformando vidas em mercadorias que são consumidas como qualquer outro serviço digital, proporcionando tanto ao espectador quanto ao espetáculo uma sensação de continuidade. Até mesmo o tempo é guiado para dentro desse ciclo, já que o ano é dividido em diferentes momentos festivos ou campanhas de vendas: Carnaval, Páscoa, Dia dos Namorados, Dia das Mães, Dia dos Pais, Natal, Ano Novo etc.

O espectador está imerso nesse espetáculo, especialmente nas redes sociais, sentindo-se protagonista, quando na realidade é apenas um figurante no mundo mercantil, que há muito deixou de vender produtos e começou a vender “sentidos de vida”.

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado de sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita considerar-se nas dominantes imagens da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação

ao homem que age parece nisto: os seus próprios já não são seus, mas gesto de um outro que os apresenta. Eis porque o espectador não se sente em casa em nenhum lado. Porque o espetáculo está em toda a parte. (DÉBORD, p. 28)

Ao negar ao espectador a sensação de estar fora do espetáculo, transmite-se a ideia de que ele não está sendo influenciado, mas sim seguindo um movimento social. Como Norbert Elias afirma: “A sociedade não é composta de indivíduos isolados, mas de interdependências entre indivíduos; cada ser humano depende do comportamento dos outros para sua própria sobrevivência e desenvolvimento” (ELIAS, 1994, p. 15). Seguindo padrões inseridos nesse espetáculo, o indivíduo se entrega a uma sociedade que não o julgará por se afastar dela.

Entretanto, nem todo indivíduo é capaz de se adequar ao que as redes sociais impõem, Norbert Elias diz em sua obra *sociedade dos indivíduos*: “Quando um ser humano não encontra lugar nos laços de interdependência, sente-se rejeitado, estranho ao grupo e, por vezes, reage afastando-se da sociedade que não o acolhe” (ELIAS, 1994, p. 123). Como já mencionado, o ser humano precisa da integração com os outros para seu desenvolvimento; ao se sentir excluído, ele se afasta do grupo, o que pode gerar ansiedade, agonia e outros sintomas que, em casos mais graves, podem evoluir para depressão profunda e/ou suicídio.

Byung-Chul Han, em sua obra *Sociedade do Cansaço* (2015), complementa essa perspectiva ao afirmar que “A violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva” (HAN, 2015, p. 20). Nas redes sociais, espalha-se o conceito de “positividade tóxica”, em que as pessoas aparentam nunca estar tristes, mostrando apenas o lado positivo de suas vidas, como se nada estivesse errado com elas ou com aqueles ao seu redor. Isso leva os espectadores a acreditar que apenas suas vidas enfrentam problemas.

Essa pressão cria uma cobrança constante por produtividade e sucesso, muitas vezes acima da própria saúde mental, dando ao usuário a sensação de que é o único responsável por seu “fracasso” e que deve lutar para ser bem-sucedido, independentemente do custo. Ao apresentar padrões de vida e corpos inalcançáveis, as redes sociais fazem com que aqueles que não conseguem segui-los desenvolvam sentimentos de inadequação, sobretudo jovens e adolescentes, que estão em processo de formação de suas identidades e são mais sensíveis a esses estímulos.



Para alguns, isso pode servir de motivação; para muitos outros, pode se tornar uma afirmação dolorosa de sua incapacidade de viver plenamente.

### **3.2 Casos de suicídios na internet**

As grandes empresas donas das redes sociais, as chamadas big techs, fiscalizam as plataformas para combater conteúdos nocivos utilizando diferentes ferramentas. No entanto, mesmo essas empresas não conseguem eliminar todas as ameaças, incluindo pessoas que transmitem seus suicídios pela internet. Esses atos são prejudiciais não apenas para familiares e amigos, que presenciam alguém que amam cometendo tal ato, mas também para outros usuários, que podem ser incentivados a fazer o mesmo, seguindo o chamado efeito Werther.

Casos de pessoas que realizam streams, termo usado para transmissões online em diferentes redes sociais, não são raros, especialmente com a popularização da internet. Um exemplo notável é a plataforma Justin.tv, fundada em 2007 por Justin Kan e alguns amigos. Originalmente, o site permitia que Justin transmitisse sua vida 24 horas por dia, mas logo foi aberto para que outras pessoas compartilhassem vídeos. Entre elas estava o jovem Abraham Biggs, de 19 anos, que, em 2008, utilizou a plataforma para transmitir ao vivo uma overdose de comprimidos, diante de um público de cerca de 1.500 espectadores. As câmeras foram desligadas apenas quando a polícia chegou ao local, já encontrando o jovem sem vida.

A Justin.tv foi encerrada em 2014, sendo substituída pela Twitch.tv, plataforma com foco maior em jogos. Os donos da rede alegaram que não estavam preparados para esse tipo de transmissão e que medidas seriam tomadas para evitar situações semelhantes.

Em 2017, uma adolescente de 14 anos, Nakia Venant, se enforcou durante uma transmissão ao vivo no Facebook Live. Ela foi a segunda em um intervalo de trinta dias a cometer suicídio online; antes dela, Katelyn Nicole Davis, de 12 anos, transmitira o ato pela plataforma Live.me em dezembro de 2017. O vídeo circulou por dias na internet antes de ser removido, e a empresa informou que não estava preparada para lidar com esse tipo de situação. O Facebook inicialmente alegou desconhecer a plataforma utilizada pela adolescente, mas voltou atrás quando as informações se tornaram públicas. ambos os casos são tratados de forma discreta

pelos meios de comunicação podendo ser encontrados apenas em site e fóruns mais independentes como o *MIDIG.com*

Casos similares ocorreram em diferentes plataformas, forçando-as a criar ferramentas de fiscalização e a contratar moderadores para monitorar conteúdos sensíveis. Mesmo assim, a moderação apresenta falhas, principalmente quando os atos estão relacionados a ciclos de desafios que surgem na internet.

### **3.3 Brincadeiras que levaram à morte**

Junto com a popularização da internet, surgiu também a popularização dos jogos online, os chamados games, que envolvem centenas e até milhares de pessoas. Esses jogos se tornaram uma forma dos jovens se conectarem, criando ambientes de diversão e descontração.

Com as redes sociais, além dos jogos propriamente ditos, surgiram as *trends*, termo que em português significa “tendência”. As *trends* nas redes sociais referem-se a temas ou comportamentos que se destacam e se tornam populares, podendo surgir a partir de eventos, desafios, memes ou lançamentos de produtos.

Algumas *trends* no Brasil ficaram conhecidas como “jogos da morte”, entre elas o famoso jogo da Baleia Azul. Trata-se de um “jogo” que, a partir de uma notícia falsa na Rússia, ganhou popularidade mundial. O nome se inspira nas baleias azuis que aparecem encalhadas juntas na costa. O “jogo” consistia em 50 desafios, que iam desde assistir a filmes de terror e automutilação, até culminar com o suicídio do participante.

Segundo a mídia russa, o jogo surgiu a partir de uma postagem fictícia na rede social V Kontakte, um site russo similar ao Facebook. O post sobre a morte da adolescente Rina Palenkova, de 16 anos, deu início ao que se tornaria o “jogo”, que, após ter um número não oficial de vítimas na Europa, se espalhou pelo mundo e chegou ao Brasil por meio das redes sociais.

O jogo funciona com um Administrador ou Curador, que envia os desafios ao participante, prometendo aliviar sua dor e sofrimento. A disseminação do jogo trouxe de volta à mídia a discussão sobre os chamados “grupos da morte” ou comunidades que incentivam o suicídio. Embora esses grupos já existissem antes da internet, foi por meio das redes que ganharam alcance internacional.

Jogos como o da Baleia Azul ou o desafio de se asfixiar afetam adolescentes de maneira diferente dos adultos, devido à formação de suas mentes. Como afirma Froulkes (2020):

Adolescents are particularly sensitive to peer rejection and social approval... The heightened susceptibility to social influence in adolescents, combined with the increased fear of social rejection, increases the likelihood that adolescents will conform to their peers in order to gain social acceptance.  
FROULKES (2020) <sup>8</sup>

Com a mente ainda em formação, os adolescentes acabam querendo se provar para uma comunidade, mesmo aqueles que não possuem histórico de problemas emocionais.

### **3.4 Comunidades de disseminação**

Durante o ano de 2023, a BBC (British Broadcasting Corporation) realizou uma ampla cobertura a respeito de um site voltado a pessoas com pensamentos suicidas. Por questões de segurança, recomenda-se não divulgar o nome, link ou qualquer informação que identifique o site. Embora estivesse hospedado na América do Sul, o site possuía um grande grupo de usuários na Europa, principalmente no Reino Unido. Nele, as pessoas compartilhavam posts sobre pensamentos suicidas, interagiam com outros usuários que forneciam meios para alcançar seu “objetivo” e havia seções onde era possível encontrar pessoas para cometerem o ato em conjunto, além de forte incentivo por parte da comunidade para a consumação desses atos.

Apesar de denúncias feitas por inúmeras famílias cujos entes queridos estavam envolvidos, o site permaneceu em funcionamento, pois não estava alocado no Reino Unido nem em qualquer outra jurisdição onde estivesse sendo investigado, assim como seus administradores. O site foi mencionado pela primeira vez por um legista em 2019. No Reino Unido, a autópsia de uma pessoa que cometeu suicídio deve ser registrada em órgãos públicos para que medidas preventivas possam ser tomadas, permitindo o catalogamento das mortes relacionadas ao site pelos órgãos britânicos. O acesso ao site já é proibido em países como Alemanha e Austrália, mas, na época da investigação, ainda havia usuários ativos, inclusive no Brasil.

---

<sup>8</sup> tradução: “Adolescentes são particularmente sensíveis à rejeição pelos colegas e à aprovação social... A maior suscetibilidade à influência social nos adolescentes, combinada com o aumento do medo da rejeição social, aumenta a probabilidade de que eles se conformem aos seus pares para obter aceitação social.”

A formação de grupos com esse propósito na internet é frequentemente tratada como uma “brincadeira”, mesmo quando os usuários já possuem algum tipo de intenção suicida. Páginas de suicídio costumam ser removidas pelas empresas donas das redes sociais; entretanto, os administradores utilizam essas páginas como porta de entrada para atrair usuários para conversas privadas, seja por mensagens diretas nas plataformas ou em aplicativos como o WhatsApp.

Esses grupos, especialmente em ambientes digitais, atuam como espaços de validação de identidades marcadas pelo sofrimento psíquico. Nessas comunidades, o suicídio deixa de ser um tabu, sendo romantizado, estetizado e, por vezes, apresentado como uma forma legítima de libertação. Essa dinâmica é particularmente nociva para adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade emocional, que acabam encontrando nessas comunidades um senso de pertencimento baseado na dor. Segundo SOUZA (2018) em sua tese de mestrado sobre autolesão diz que, “as comunidades online que compartilham experiências de sofrimento psíquico podem, ao invés de promover apoio, reforçar e validar comportamentos de risco, como automutilação e ideação suicida”. Além disso, esses grupos frequentemente desencorajam o contato com familiares ou profissionais de saúde, criando bolhas de isolamento onde a dor é compartilhada, mas não transformada.

A Teoria Interpessoal do Suicídio, desenvolvida por Thomas Joiner (2005), ajuda a compreender esse fenômeno, ao afirmar que sentimentos de não pertencimento e de ser um fardo são catalisadores da ideação suicida, sensações que muitas vezes se intensificam nas interações grupais digitais.

Na pesquisa realizada pela BBC, familiares de diversas vítimas relataram como as páginas intensificaram os comportamentos suicidas dos jovens, não apenas reforçando pensamentos suicidas, mas também fornecendo os meios para a execução das tentativas. Eles criticaram o governo do Reino Unido, acusando-o de omissão ao permitir o funcionamento desse tipo de página, que alicia jovens e adultos ao suicídio.

É importante destacar que essas páginas diferem dos chamados “jogos da morte”. Ao contrário desses jogos, que atraem os usuários por meio de desafios ou estímulos de diversão, essas comunidades oferecem uma suposta forma de alívio para angústias e temores. Dessa maneira, os usuários se sentem acolhidos e passam a acreditar que estão sendo ajudados a superar seus problemas, reforçando, porém, comportamentos de risco.

### 3.5 Ferramentas de fiscalização

As diferentes redes sociais, pressionadas pela disseminação de conteúdos prejudiciais, passaram a implementar ferramentas de fiscalização por meio de moderadores, pessoas responsáveis pela análise de posts e denúncias, bem como algoritmos capazes de reconhecer imagens e textos problemáticos, funcionando como instrumentos de policiamento digital. Essas ferramentas têm como objetivo controlar conteúdos que violem suas diretrizes, incluindo discursos de ódio, extremismo e incitação ao suicídio.

Tais mecanismos utilizam sistemas automatizados baseados em algoritmos de aprendizado de máquina, capazes de identificar palavras-chave, imagens e padrões de comportamento. No entanto, estudos indicam que essas ferramentas não são totalmente eficazes, frequentemente falhando em identificar contextos culturais ou linguísticos. Por exemplo, a expressão “KKK”, muitas vezes usada para indicar uma risada, pode ser equivocadamente associada ao grupo Ku Klux Klan. Como afirma Gillespie em *Custodians of the Internet: Platforms, Content Moderation, and the Hidden Decisions That Shape Social Media*: “As plataformas não são espaços neutros; ao moderarem conteúdos, elas moldam aquilo que pode ou não circular online” (2018, p. 12).

Apesar de sua função protetiva, às ferramentas de moderação também geram debates éticos sobre censura, liberdade de expressão e viés algorítmico. Em muitos casos, conteúdos que discutem ou buscam prevenir o suicídio são removidos por erro das plataformas, enquanto publicações que incentivam práticas nocivas podem escapar do sistema. Tarleton Gillespie (2020) observa que a moderação algorítmica é, muitas vezes, “invisível”, dificultando a responsabilização das empresas. Nesse sentido, Roberts reforça: “A moderação de conteúdo é o trabalho invisível que sustenta as redes sociais, mas que permanece opaco aos olhos do público” (2019, p. 39). Quando essas ferramentas não funcionam corretamente, as redes se tornam mais perigosas, permitindo a circulação de conteúdos nocivos.

Para tentar equilibrar eficiência técnica e sensibilidade humana, as plataformas têm adotado a moderação híbrida, combinando inteligência artificial com equipes humanas. Como argumenta Suzor em *The Secret Rules That Govern Our Digital Lives*: “A moderação é um exercício de poder, no qual as plataformas privadas decidem quais vozes podem ser ouvidas” (2019, p. 88). Isso evidencia que, embora a moderação seja central para a segurança digital, ela também reproduz as tensões do

capitalismo digital, em que interesses econômicos e políticos influenciam o que é permitido circular.

Com o avanço da inteligência artificial, muitos moderadores humanos estão sendo substituídos, o que tem resultado em um aumento de postagens prejudiciais que passam despercebidas, tornando as redes sociais mais propensas à disseminação de conteúdos nocivos e possíveis transmissões de atos prejudiciais. Antes mesmo dessa onda de automação, os moderadores já relatavam falta de assistência psicológica oferecida pelas empresas, o que gerava uma série de problemas mentais e emocionais entre os funcionários.

O uso de IA pode servir para a moderação, uma vez que elas programadas da forma correta podem trazer muito mais eficiência para o trabalho de moderação. Uma vez que seriam colocados apenas *tags* e termos que seriam associados ao suicídio, que ao serem analisadas pelos moderadores reais poderiam passar despercebidas o que não ocorreria com as IAs.

Esses erros nas ferramentas de moderação prejudicam programas de prevenção ao suicídio e comunidades de preservação, tornando as redes sociais grandes disseminadoras de conteúdo desse gênero. Torna-se, portanto, imprescindível o desenvolvimento de estudos e a implementação de intervenções que assegurem a proteção de jovens e adolescentes nesses ambientes digitais.

## CONCLUSÃO

Nesse contexto, o estudo do suicídio influenciado pelas redes sociais torna-se fundamental, especialmente em grupos mais vulneráveis, como jovens e adolescentes, que não estão preparados para a exposição proporcionada por essas plataformas. Trata-se de um tema ainda invisibilizado pela sociedade, especialmente pela sociedade capitalista, que transforma as pessoas em produtos e direciona suas vidas unicamente para o lucro. Essa lógica faz com que a performance esteja acima do bem-estar, criando indivíduos com saúde mental cada vez mais debilitada, como os dados apresentados pela OMS afirmam que o suicídio é uma das principais causas de morte ao redor do mundo.

Ao transformar as pessoas em usuários, as redes sociais as transformam também em mercadorias, gerando dados a serem coletados e comercializados, conferindo-lhes apenas o direito de continuar fornecendo informações que aprimoram produtos e algoritmos, cujo objetivo final é o lucro. Dessa forma, nossas vidas são reduzidas a números nos bancos de dados, e a substituição da moderação humana por sistemas automatizados de IA abre brechas para conteúdos prejudiciais à saúde mental de jovens e adolescentes, além de permitir a circulação de certos conteúdos por questões políticas ou sob a justificativa de liberdade de expressão, o que pode ser agressivo à saúde psicológica.

É fundamental estar atento ao papel das grandes empresas que controlam essas poderosas plataformas de condicionamento comportamental, buscando formas de torná-las menos nocivas ao desenvolvimento psicológico de jovens e adolescentes, seja por meio de regulação ou da implementação de medidas de controle que garantam a segurança emocional e psicológica dos usuários.

A pesquisa apresentou resultados relevantes ao evidenciar a forma como as redes sociais, ao mesmo tempo em que conectam pessoas, podem contribuir para a intensificação de sofrimentos psíquicos, sobretudo entre adolescentes e jovens. A análise mostrou que a lógica dos algoritmos e a espetacularização da vida online criam ambientes que reforçam sentimentos de inadequação, solidão e pressão social, elementos que, em muitos casos, estão diretamente associados ao aumento de ideação e comportamentos suicidas.

Outro resultado importante foi a constatação de que o suicídio, ainda tratado como tabu em diversos contextos sociais e religiosos, ganha novos contornos no ambiente

digital. Casos como transmissões ao vivo, comunidades de incentivo e jogos perigosos revelam como as redes podem se tornar espaços de disseminação de práticas nocivas. Entretanto, o estudo também destacou que, quando usadas de forma responsável, as mídias sociais podem ter efeito positivo, funcionando como ferramentas de prevenção e promoção da saúde mental, a partir de narrativas de superação e acolhimento.

Por fim, conclui-se que o fenômeno não deve ser reduzido a um problema individual, mas sim compreendido em sua complexidade social, cultural e tecnológica. O trabalho reforça a necessidade de políticas públicas, regulação das plataformas digitais e estratégias de educação para o uso saudável da internet. Dessa forma, torna-se possível reduzir riscos, fortalecer fatores protetivos e criar espaços virtuais mais seguros e humanizados para as novas gerações

Por meio da pesquisa, conclui-se que as redes sociais exercem um impacto significativo e inegável sobre o fenômeno do suicídio, tornando-se um elemento central nas discussões contemporâneas sobre saúde mental. Essas plataformas, ao mesmo tempo em que oferecem espaços para apoio emocional, compartilhamento de experiências e divulgação de campanhas preventivas, também podem ser utilizadas de maneira nociva. Em diversos contextos, observa-se que conteúdos explícitos ou implícitos relacionados ao suicídio, incluindo instruções, desafios perigosos e relatos romantizados, circulam com rapidez, alcançando públicos amplos e vulneráveis. Esse cenário reaviva os debates acerca da responsabilidade das empresas de tecnologia, dos usuários e da sociedade em geral, adicionando um novo e complexo componente às reflexões sobre prevenção, regulação e uso ético das mídias digitais. Assim, compreender o papel das redes sociais na disseminação de informações, sejam elas preventivas ou de incentivo, torna-se essencial para a formulação de políticas eficazes que protejam indivíduos em situação de risco e promovam um ambiente digital mais seguro.

Com base nesses resultados, emergem diferentes linhas de pesquisa relacionadas às redes sociais, à internet e ao suicídio. Estudos futuros podem, por exemplo, explorar as relações entre o comportamento suicida e os jogos de apostas, especialmente no contexto das plataformas digitais gamificadas, popularmente conhecidas como BETs, que nos últimos anos passaram a integrar o cotidiano de um número crescente de usuários da internet. A lógica de gratificação imediata, aliada à facilidade de acesso e à ausência de regulamentação rigorosa em alguns países,



pode potencializar riscos como o endividamento, a perda do autocontrole e o desenvolvimento de quadros depressivos. Tais fatores, quando combinados à pressão social e à exposição contínua a conteúdos que normalizam comportamentos de risco, configuram um cenário preocupante que merece investigação sistemática, sobretudo quanto à possibilidade de aumento de tentativas e casos de suicídio associados ao impacto financeiro e psicológico dessas práticas.

## REFERÊNCIAS

- ABIDIN, Crystal. Internet Celebrity: Understanding Fame Online. Bingley: Emerald Publishing, 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. Vida líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERARDI, Franco “Bifo”. Futurabilidade: a era da impotência e o horizonte da possibilidade. São Paulo: Ubu, 2019.
- BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. Journal of Computer-Mediated Communication, v. 13, n. 1, p. 210–230, 2007.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm). Acesso em: 27 maio 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Cartilha de prevenção ao suicídio. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [dados]. Disponível em: [https://www.iciet.fiocruz.br/sites/www.iciet.fiocruz.br/files/Cartilha\\_de\\_Prevencao\\_ao\\_Suicidio.pdf](https://www.iciet.fiocruz.br/sites/www.iciet.fiocruz.br/files/Cartilha_de_Prevencao_ao_Suicidio.pdf). Acesso em: 20 jan. 2025.
- CARR, Nicholas. A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Tradução de Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- DATAREPORTAL. Digital 2018: Global Digital Overview. [S. l.]: DataReportal, 2018. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2018-global-digital-overview>. Acesso em: 28 maio 2025.
- DÉBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Tradução de Estela dos Santos Abreu. 3. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DURKHEIM, Émile. O suicídio: estudo de sociologia. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Obra original publicada em 1897).
- ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FISHER, Mark. Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. (Obra original publicada em 2009).

GILLESPIE, Tarleton. Custodians of the Internet: Platforms, Content Moderation, and the Hidden Decisions That Shape Social Media. New Haven: Yale University Press, 2018.

GOMES, Juliana Oliveira; BAPTISTA, Makilim Nunes; CARNEIRO, Adriana Munhoz; CARDOSO, Hugo Ferrari. Suicídio e internet: análise de resultados em ferramentas de busca. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 63-73, 2014.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

JORNALISMO ESPM 2017.1. Redes sociais: o estudo pioneiro de J. A. Barnes. Medium. Disponível em: <https://medium.com/@jornalismoespm2017.1/redes-sociais-o-estudo-pioneiro-de-j-a-barnes-3012f00045f1>

. Acesso em: 27 maio 2025.

KANDEL, Eric R.; SCHWARTZ, James H.; JESSELL, Thomas M. Princípios de neurociência. 5. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

KAPLAN, Andreas M.; HAENLEIN, Michael. Users of the world, unite! The challenges and opportunities of Social Media. *Business Horizons*, v. 53, n. 1, p. 59–68, 2010.

KEOWN, Damien. Budismo e suicídio: o caso de Channa. *Journal of Buddhist Ethics*, v. 3, p. 8-31, 1996. Disponível em: <https://blogs.dickinson.edu/buddhistethics/files/2010/04/keown-article.pdf>

. Acesso em: 21 jan. 2025.

KHOSA-NKATINI, Hundzukani P.; BUQA, Wonke. Suicide as a sin and mental illness: a dialogue between Christianity and psychology. *Verbum et Ecclesia*, v. 42, n. 1, 2021. DOI: 10.4102/ve.v42i1.2318.

KOVÁCS, Maria Júlia; HWANG, Esther. Suicídio por contágio e o papel das mídias de comunicação em massa. *Revista M. Rio de Janeiro*, v. 4, n. 7, p. 77-100, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistam/article/download/8976/7973/43900>. Acesso em: 27 ago. 2025.

LANIER, Jaron. Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais. São Paulo: Intrínseca, 2018.

LUCAS, Lorena Schettino; BONOMO, Mariana; FLAUZINO, Thais Assis; ZAMBORLINI, Vanessa Valentim; FERREIRA, Bruna Amorim Matos. “Suicídio?! E

Eu com Isso?": Representações Sociais de Suicídio em Comentários de Usuários do Facebook. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 196-216, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2021.59380>.

JOINER, Thomas. *Why people die by suicide*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

MARCHANT, Amanda; HAWTON, Keith; BURNS, Lauren; STEWART, Anne; JOHN, Ann. Impact of Web-Based Sharing and Viewing of Self-Harm–Related Videos and Photographs on Young People: Systematic Review. *Journal of Medical Internet Research*, v. 23, n. 3, e18048, 19 mar. 2021.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MDIG. Jovem transmite seu suicídio pela Internet nos EUA. MDig, 2008. Disponível em: <https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=4477>.

NIEDERKROTENTHALER, T. et al. (2010). Role of media reports in completed and prevented suicide: Werther v. Papageno effects. *British Journal of Psychiatry*, 197(3), 234-243.

NOBLE, Safiya Umoja. *Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism*. New York: NYU Press, 2018.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio 2022. Washington, DC: OPAS, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/en/campaigns/world-suicide-prevention-day-2022>

. Acesso em: 21 jan. 2025.

PEREIRA, Yvonne A. *Memórias de um suicida: (pelo espírito Camilo Castelo Branco)*. Rio de Janeiro: FEB, 2019.

RFI. OMS alerta para risco de depressão e ansiedade entre jovens usuários de redes sociais. 25 set. 2024. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/ci%C3%A4Ancias/20240925-oms-alerta-para-risco-de-depress%C3%A3o-e-ansiedade-entre-jovens-usu%C3%A1rios-de-redes-sociais>.

Acesso em: 3 jun. 2025.

PARISER, Eli. *The Filter Bubble: What the Internet Is Hiding from You*. New York: Penguin Press, 2011.

PHILLIPS, D. P. (1974). The influence of suggestion on suicide: Substantive and theoretical implications of the Werther effect. *American Sociological Review*, 39(3), 340-354.

- ROBERTS, Sarah T. *Behind the Screen: Content Moderation in the Shadows of Social Media*. New Haven: Yale University Press, 2019.
- SAYED, Ahmed; HUSSAIN, Madiha; ABBAS, Shah. Nomophobia: A rising concern among youth. *Journal of Mental Health*, v. 29, n. 1, p. 10-15, 2020.
- SHARMA, Arvind. Hinduísmo e a ética do suicídio no contexto da Índia moderna. *Religious Studies*, v. 21, n. 2, p. 273–285, 1985. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20006078>. Acesso em: 21 jan. 2025.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- SLONJE, Robert; SMITH, Peter K. Cyberbullying: Another main type of bullying? *Scandinavian Journal of Psychology*, v. 49, n. 2, p. 147-154, 2008.
- SOUZA, Juliana Rangel Alves de. *Um olhar da Psicologia Analítica sobre a autolesão*. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2023. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgpsi/DISSERTACAO%20JULIANA%20FINAL%20-%20artigo%20suprimido.pdf>. Acesso em: 25 set. 2025.
- SUZOR, Nicolas P. *Lawless: The Secret Rules That Govern Our Digital Lives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- TILLY, Jane et al. Public and mental health professionals' perspectives on social media and suicide exposure. *BMC Public Health*, v. 25, p. –, 2025.
- Tufekci, Zeynep. *Algorithmic Harms Beyond Facebook and Google: Emergent Challenges of Computational Agency*. *Colorado Technology Law Journal*, v. 13, n. 2, p. 203-218, 2015.
- NOBLE, Safiya Umoja. *Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism*. New York: New York University Press, 2018.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *LIVE LIFE: an implementation guide for suicide prevention in countries*. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/en/documents/live-life-implementation-guide-suicide-prevention-countries>. Acesso em: 21 jan. 2025.
- ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. New York: PublicAffairs, 2019.